

O Ócio e a existência humana

Josef Pieper

(trad. por Michael J. Schäfer)

Quem hoje em dia fala de “ócio” encontra-se de saída numa posição de defesa. Ele se defende contra uma oposição que, à primeira vista, parece ser a mais forte. Isto não se torna mais fácil pelo fato de que esta oposição não é “um outro”, mas que se trata mesmo de um diálogo interno. E, ainda pior, se alguém nos pergunta, sem aviso prévio, seríamos incapazes de dizer exatamente o que é que estamos defendendo. Se, por exemplo, Aristóteles diz: Trabalhamos para ter ócio - deveríamos dizer, para ser sinceros, que não sabemos o que esta frase escandalosa quer dizer.

Acredito que nos encontramos nesta situação.

A primeira pergunta é: o que significa ócio? O que quer dizer este conceito na grande tradição? Parece-me certo tentar encontrar uma resposta falando em primeiro lugar da força oposta, que se costuma chamar de “sobrevalorização do trabalho”, embora se trate duma descrição um tanto provisória. Trabalho pode significar diversas coisas, pelo menos três. Trabalho pode dizer atividade em geral. Trabalho pode, em segundo lugar, indicar esforço, labuta, dificuldade. E, por último, existe a linguagem cotidiana na qual trabalho indica uma atividade útil, sobretudo útil para a sociedade. A qual das três acepções nos referimos falando da “sobrevalorização do trabalho”? Existe tanto a sobrevalorização da atividade quanto a do esforço e do árduo e, last but not least, a sobrevalorização da função social. Exatamente este é o demônio de três faces que cada um que começa a defender o ócio tem de enfrentar.

A sobrevalorização da atividade em geral. Trata-se da incapacidade de aceitar que simplesmente aconteça algo; a inaptidão de receber e de admitir suceder algo consigo mesmo. É a "atividade total" da qual Goethe disse que por fim irá a falência. A forma mais extrema na qual foi dita esta heresia até agora se encontra numa frase de Hitler : "Cada atividade tem sentido, mesmo o crime: ao contrário cada passividade não tem sentido." Naturalmente temos aqui um pensamento demente. Ele é simplesmente absurdo. Mas, acredito, formas mais moderadas desta loucura fazem parte do mundo atual.

A sobrevalorização do esforço e do difícil. Parece estranho mas também isto existe. Até pôde-se dizer que a posição do "bem comportado" cidadão moderno se baseia largamente nesta sobrevalorização do custoso: o bem é, segundo a sua natureza, difícil, e o que não custa é sem valor ético. Schiller ironizou esta tese num verso divertido contra Kant: "Gostaria muito de servir ao amigo, mas infelizmente faço-o com prazer. Isto me aborrece muitas vezes porque desta maneira não sou virtuoso." Os "antigos" (com este termo designo os grandes

gregos Platão e Aristóteles como também os grandes doutores da cristandade ocidental) acharam que o bem não seria, graças à sua natureza e, por consequência, sempre e necessariamente, custoso. Eles sabiam que exatamente as mais sublimes formas da realização do bem acontecem sempre sem esforços - porque faz parte da sua natureza, do proceder do amor. Também as formas mais elevadas do conhecimento, por exemplo: a idéia genial, surgida qual um raio, bem como a verdadeira contemplação, não são formas de "trabalho intelectual". Também acontecem sem esforço, porque pertence à sua natureza serem dádiva. "Dádiva" - talvez se trate de uma palavra-chave. Quem medita sobre a estranha predileção pelo difícil que marca o rosto do homem contemporâneo, a prontidão de agüentar a dor (o que, na minha opinião, é mais característico do que a muito criticada queda pelo prazer!) – quem pensa nisto se encontra de repente diante da pergunta: Será possível que a causa mais profunda disto seja a rejeição de receber algo de graça, seja de quem for?

A sobrevalorização da função social. Não são necessárias muitas palavras para demonstrar que esta é uma característica dominante da sociedade moderna. Não devemos considerar somente os totalitários "planos de cinco anos", nos quais não é o planejamento o próprio mal, mas a pretensão de ser a única regra para o valor de toda a vida, não somente da produção industrial, mas igualmente para o aproveitamento do tempo de lazer nas horas vagas do indivíduo. Mesmo no mundo não-totalitário, a ditadura do meramente útil pode ser fortemente presente.

Neste ponto, deve ser lembrada uma antiga distinção entre "artes liberais" e "artes serviles", entre atividades "livres" e "servis". Esta distinção quer dizer que existem, num lado, atividades humanas que possuem o seu sentido em si mesmas e, noutro lado, aquelas que servem a um fim que fica além delas, quer dizer, que são somente úteis. Pela primeira vista parece ser um pensamento bastante antiquado e caturra. Em verdade trata-se duma coisa politicamente atual. Se a pergunta: "Existe uma atividade livre?" for traduzida para a linguagem do mundo no qual domina o trabalho, então ela será formulada assim: existe uma atividade humana a qual, por sua natureza, diante da norma dum plano quinquenal, nem necessita de uma justificação, nem seria capaz de dar uma tal justificativa? Os antigos responderam a esta pergunta definitivamente com um "sim". A resposta do mundo no qual domina o trabalho é da mesma maneira enérgica: "não", o homem é totalmente "funcionário". Uma atividade "livre" que não serve ao socialmente útil é indesejada e consequentemente deve ser "liquidada".

Dirigindo o olhar, depois desta tríplice sobrevalorização do trabalho, ao conceito "ócio", nota-se logo: neste mundo do trabalho não há lugar para ele. Ele não é somente absurdo, mas moralmente suspeito. E, de fato, aqui existe uma incompatibilidade absoluta. A idéia do ócio é diametralmente oposta à idéia totalitária do "trabalho" e isto sob os três aspectos dos quais falei.

Contra a absolutização da atividade. Ócio é exatamente "não-atividade". Ele é uma forma do silêncio. Ócio é exatamente aquela forma do silêncio que dispõe para ouvir algo. Somente o silencioso é capaz de ouvir. O ócio é a atitude da mera submersão receptiva na realidade; é a

abertura da alma que, somente ela, recebe os grandiosos conhecimentos, tornando-se feliz, o que nós nem sequer pelo "trabalho intelectual" poderíamos alcançar.

Contra a sobrevalorização do esforço. O ócio é uma atitude de celebração. Celebrar significa o contrário de esforço. Quem desconfia categoricamente da facilidade está tanto incapaz do ócio como de celebrar uma festa. A festa, porém, necessita de outra componente, da qual falaremos logo a seguir.

Contra a sobrevalorização da função social. Ócio indica exatamente a retirada do indivíduo da função social. No entanto, o ócio não deve ser confundido com o intervalo. O intervalo, independentemente de durar uma hora ou três semanas, indica repouso do trabalho para o trabalho; existe por causa do trabalho. Ócio, porém, é algo totalmente diferente. O sentido do ócio não consiste no funcionamento perfeito do homem, mas sim que ele, dentro da função social, não deixe de ser homem, quer dizer, que ele fique capaz de olhar além do espaço limitado pela função, contemplando festivamente o mundo como uma totalidade e realizando a si mesmo como um ser projetado para o mundo como um todo – numa atividade livre, ou seja, que possua o seu sentido em si mesmo, isto é, numa ação "não-engajada".

A verdadeira cultura não prospera senão fundamentada no ócio – contanto que se entenda como "cultura" tudo o que ultrapassa as meras necessidades da vida, sendo, entretanto, mesmo assim, imprescindível para a plena realização da existência humana. Mas se a cultura vive do ócio, de que vive então o ócio? Como o homem se torna capaz de "fazer ócio", como os gregos o entendem? O que se pode fazer para evitar que o homem se torne um mero "trabalhador", limitado somente a suas funções?

Confesso ser incapaz de responder estas perguntas com uma instrução concreta e praticável. A própria dificuldade é de tal natureza que não pode ser remediada por uma simples decisão, mesmo que bem intencionada. Ainda assim pode-se mostrar o porque disto. Sabe-se que os médicos, há algum tempo, chamam a atenção para a importância do ócio para a saúde - no que certamente têm razão. Mas é impossível "praticar o ócio" para manter a saúde ou para recuperar esta, como também para "salvar a cultura"! Existem coisas que somente se realizam, quando se leva em conta que têm sentido em si mesmas. É impossível realizá-las "para que" algo aconteça (é impossível amar, por exemplo, um ser humano "para que" ou "a fim de que"). Certas hierarquias não são conversíveis; isto não somente seria inadequado, mas simplesmente não se conseguiria realizá-lo.

A respeito da nossa pergunta, isto significa o seguinte: se o ócio não é realizado como algo que faz sentido em si mesmo, então se torna impossível "realizá-lo". Aqui de novo deve-se falar da festa. Numa festa, se reúnem todos os três elementos dos quais se constitui o conceito

do ócio: primeiro, a não-atividade; segundo, a falta do esforço, e terceiro, o transgredir da função cotidiana no trabalho.

Cada qual sabe da dificuldade do homem contemporâneo de celebrar uma festa. Ora, esta dificuldade é idêntica à incapacidade de realizar o ócio. A causa pela qual as festas fracassam é a mesma pela qual o ócio fracassa.

Nesta altura, um pensamento torna-se inevitável, o que, como experimentei muitas vezes, desagrada muito à maioria dos homens. Este pensamento é, brevemente, o seguinte: celebrar uma festa significa exprimir a aceitação do mundo como um todo numa maneira não-cotidiana. Quem não considera a realidade no fundo como "boa" e "em ordem", é incapaz de celebrar uma festa, tão pouco quanto de poder "fazer ócio". Isto significa: o ócio está ligado à condição de que o homem aceite o mundo e a sua própria natureza. E agora vem o tão escandalizante, como inevitável: a mais sublime maneira de exprimir a aceitação do mundo como um todo possível de se pensar é o louvor a Deus, a exaltação do Criador, o culto. Com isto também se indica a última raiz do ócio.

É preciso prepararmo-nos para o fato de que a humanidade fará um enorme esforço para escapar às conseqüências desta conclusão, por exemplo, pela tentativa de criar festividades artificiais, quer dizer, evitando a última e verdadeira aceitação do mundo. Em lugar disto produzem, não obstante, com imenso esforço, a impressão duma celebração genuína, apoiada e fomentada, quem sabe, pelo poder político, encenando grandiosas pompas exteriores. Na realidade, tal aproveitamento das horas vagas pelas pseudo-festas representa uma forma ainda mais estressante do trabalho.

Seria um engano acreditar que esta tese de que toda festa se baseia no culto, e da origem do ócio e da cultura no culto, seja uma tese especificamente cristã. Tal juízo talvez provenha daquilo que se costuma chamar de secularismo: nem tanto a "descristianização", quanto a perda de alguns conhecimentos fundamentais que fazem parte integrante do acervo tradicional natural da sabedoria da humanidade. Parece-me que a este acervo pertence também, a tese do ócio e do culto. Platão, por exemplo, grego da era pré-cristã, formulou-a já como homem de idade, numa grandiosa imagem mítica. Platão pergunta se não existe para o gênero humano, nascido para o trabalho e a labuta, folga alguma. E ele responde: Sim, existe uma folga: "Os deuses, tendo pena do gênero humano, nascido para a labuta, deram a ele como folga as repetidas festividades culturais e, como companheiros da festa, as musas e os guias delas, Apollon e Dionísio, para que tomassem, nutrindo-se na convivência festiva com os deuses, forma aprumada e direção." * Um outro grande grego, Aristóteles, mais "crítico" do que seu mestre Platão e, como bem se sabe, pouco inclinado a falar em imagens míticas - mesmo Aristóteles formulou este conhecimento à sua maneira sóbria. Na *Ética a Nicômaco*, na qual se encontra a já citada frase ("Trabalhamos para ter ócio"), neste mesmo livro está escrito que, viver a via do ócio seria impossível para o homem, enquanto homem, mas sim, enquanto algo divino vive nele.

